

A MENINA FURACÃO E O MENINO ESPONJA

Ilan Brenman

Resenha

Ela nasceu numa manhã de tempestade; ele, num dos dias mais quentes da história. Ele nasceu de olhos fechados e o corpo encolhido; ela, com os olhos abertos e inquietos, e uma boca que se mexia sem parar. Ela chorava e sorria com a mesma intensidade; ele chorava pouco e tinha um sorriso tímido. Às vezes, ninguém percebia a presença dele; enquanto ela sempre se fazia notar. O garoto demorou um tanto para engatinhar, andar e falar; já a menina logo se pôs a pular, rodopiar e ventar pela casa toda. Aquela garota não conseguia comer sem derrubar as coisas e deixar tudo caótico, sujo e desordenado ao seu redor; aquele menino, por outro lado, fazia tudo com muito cuidado e atenção. Os professores dele elogiavam o quanto ele era bonzinho; a professora dela, cansada, garantia que aquela menina era um furacão. Quando o menino esponja conheceu a menina furacão, os dois apresentaram um ao outro seus animais de estimação: o cachorro dela foi apresentado à tartaruga dele. Embora o garoto estivesse um tanto reticente e inseguro a princípio, aos poucos, foi deixando que parte daquela ventania penetrasse seus pensamentos, e teve início uma grande amizade. Ela o ensinava a ventar e voar, ele a ensinava a observar e sossegar.



© Luiza Serrano



Coordenação:
Maria José Nóbrega



A *menina furacão e o menino esponja* é uma narrativa delicada a respeito do encontro entre dois personagens que interagem com o mundo de maneiras muito diferentes. A obra se constrói explorando um jogo de paralelismos e contrastes: somos primeiro apresentados ao mundo veloz, intenso e alegremente caótico da menina furacão, para depois entrar em contato com a lentidão, com a calma e com o cuidadoso universo do menino esponja. A analogia entre os personagens e os fenômenos meteorológicos, bem como o comportamento dos personagens e de seus animais de estimação, revela cada um deles não apenas como um ser individual, mas como uma maneira de conceber o mundo. À sua maneira, eles transformam os arredores, até que ao final do livro chegam a transformar um ao outro.

Além de trazer aos jovens leitores uma concepção da amizade que se dá não por conta de uma identificação, mas justamente por conta das diferenças, o contraste entre os ritmos e hábitos dos protagonistas pode gerar conversas a respeito do tema da neurodivergência, abordando discussões a respeito de transtornos como o de hiperatividade e autismo. Muitas das discussões contemporâneas

sobre o tema procuram questionar noções de normalidade, e encorajar uma observação mais atenta das diferentes formas de aprendizagem.

Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,
Professora e mãe

Às vezes, a vida venta. Chacoalha memórias, tira a poeira dos pensamentos e revela novos desafios. Acho que foi assim o nosso encontro com este singelo livro.

Foi um encontro simples e único. Lá estava ela, pulando por todos os lados do papel, bem serelepe: era a menina furacão. Logo de cara, senti em Dandara um certo apreço pela menina. Por mais que minha filha não seja exatamente um furacão – e possua, inclusive, uma capacidade de escuta atenciosa que me deixa cheia de orgulho –, me parece que ela gosta desse lugar de ser uma menina ativa e ligeira, que se destaca por expressar bem suas habilidades.

O fato é que a identificação dela com a personagem foi instantânea. Logo nas primeiras páginas,

quando Ilan e Lucía começam a nos apresentar a bebê furacão, Dandara tratou de incluir no livro a sua própria história. Quando vi, já estávamos há algum tempo conversando sobre como havia sido o dia de seu nascimento, se chovia ou não, se era dia ou noite, como era seu choro, seu olhar e suas expressões. Era como se ela desenhasse, com seus dedos, ao lado das ilustrações. Melhor dizendo, como se desenhasse por cima das ilustrações de Lucía Serrano, adaptando aquela cena e incluindo a si própria.

Bastava soltar os cabelos da menina furacão, colocar um gato amarelo e gorducho no lugar do cachorro e... pronto! Lá estava Dandara ventando. E conforme a menina furacão crescia e se desenvolvia, cresciam também as nossas memórias, que passaram a ser contadas não somente por mim.

— Mãe, lembra da vez que... — e lá vinha mais uma memória ventando com as páginas do livro.

Até que, finalmente, conhecemos o menino esponja.

Talvez tenha sido nesse ponto que a nossa leitura foi ganhando seus contornos mais interessantes. Gostei da brincadeira e, por mais que eu também não seja exatamente uma menina esponja, entrei no jogo e me aproximei do menino.

Nasci mesmo em um dia quente, logo de manhã. Meu pai me contou que eu era carequinha e não tinha nem sobrancelhas. Só um arranhado

de unhas no meio do rosto redondo, coroado por duas bolotas azuis. Ela riu e fez com os dedos que apagava os cabelos do bebê esponja. Enquanto revezávamos a leitura, fui achando outras semelhanças: eu era mesmo uma criança tranquila e sempre era das últimas pessoas a entregar as provas na escola.

De repente, estávamos lá: eu de mãos dadas com o menino esponja e ela saracoteando ao lado da menina furacão. Onde será que Ilan Brenman nos levaria desta vez?

E ele nos levou ao encontro. Não a qualquer encontro fortuito, mas à capacidade de se encontrar e se reinventar no outro. Propositamente, quis dizer à minha filha que há muitas formas de ser, há muitos jeitos de se comportar e de se relacionar – e todos esses jeitos só são bons se permanecem abertos e generosos à diferença.

Estaria tudo fácil e esse relato acabaria aqui com um belo final feliz, se não fosse uma potência inescapável chamada vida. E, agora, foi a vida que ventou.

Ficamos conversando um pouco sobre a escola, que é seu lugar principal de sociabilidade. Falamos sobre algumas dificuldades, sobre tensões nas relações, sobretudo entre meninas e meninos. E também sobre meninas e meninos que desfazem tensões e aproximam mundos. Falamos sobre as armadilhas da popularidade, que não precisamos



ser as mais inteligentes, nem os mais rápidos, nem as mais belas, nem os mais fortes.

Conversamos sobre bons amigos e relações desafiadoras. Sobre a importância fundamental de respeitar a si mesmo e sobre os contornos dos nossos sentimentos. Sobre reconhecer quem nos trata bem e sobre tratar todas as pessoas com respeito, seja nas relações próximas ou nas distantes. Parece fácil, mas nem tudo são rosas em uma sala de aula, não importa a idade.

Na hora de dormir, ela me pediu para ler o livro novamente. Dessa vez, ela quis só ouvir. Aos poucos, a pequena se aconchegou na cama e no tom da minha voz. Ouviu toda a história, pediu um beijo e adormeceu.

Eu fiquei ali na penumbra do quarto por alguns minutos, pensando em tudo que havíamos conversado naquele dia. Quantas histórias podem caber em um livro? Sinto que essa que escrevo ficou um tanto sem final. Talvez seja apenas porque ela ainda está só começando.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Editora Moderna, 2023), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente

Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Em 2023, Ilan foi duplamente finalista do prêmio Jabuti na categoria livro infantil, um feito inédito, com as obras *A espera* e *Desligue e abra*. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.ilan.com.br.

Leia mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *A ciranda de lágrimas*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A colecionadora de pedras*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Depois do foram felizes para sempre*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Mamãe é um lobo!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Maria, a perguntadeira*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O nariz da Cris*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que cabe num livro?* São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Nem sempre posso ouvir vocês*, de Joy Zelonky. São Paulo: Ática.
- ✦ *O menino só*, de Andrea Viviana Taubman. Rio de Janeiro: Escrita Fina.
- ✦ *O muro no meio do livro*, de Jon Agee. Rio de Janeiro: Pequena Zahar.
- ✦ *Ruído*, de Pablo Albo. Blumenau-SC: Gato Leitor.
- ✦ *Quando você não está aqui*, de María Hergueta. São Paulo: Pulo do Gato.

